

A prevalência de Transtornos Mentais Menores Associados à Capacidade para o Trabalho na Assistência Domiciliar

Cintia Renata Schuch¹, Luana Thomazi², Adriana Aparecida Paz¹ (orientador)

Departamento de Enfermagem¹ Universidade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre, ¹Rua Sarmiento Leite, 245. Porto Alegre- RS. ² Faculdade Nossa Senhora de Fátima ²Rua Alexandre Fleming 454 –Caxias do Sul – RS.

Resumo

A sociedade como instituição generalista acaba por impor ao indivíduo, comportamentos padronizados que precisam ser seguidos e leva o indivíduo a provar seu valor moral dentro da sociedade na qual ele está inserido. O trabalho torna-se um meio de busca deste valor para que este indivíduo torne-se socialmente aceito e uma pessoa economicamente ativa no cenário econômico. Contudo, esta busca quando erroneamente administrada, pode tornar-se uma fonte de desgaste físico e emocional, levando a transtornos mentais menores (TMM) que podem estar associados à diminuição da capacidade para o trabalho (CPT), necessitando assim do apoio da Saúde Ocupacional. O objetivo deste estudo é identificar a prevalência de TMM associados à CPT dos colaboradores da assistência domiciliar (AD). Para isso utilizou-se de um estudo transversal realizado na AD de uma cooperativa médica da cidade de Caxias do Sul. A amostra foi constituída por 30 integrantes da equipe de AD. Utilizou-se de estatística descritiva e analítica para analisar os dados obtidos. Nos dados demográficos observou-se a prevalência de integrantes do sexo feminino; a faixa etária predominante foi de 30 a 39 anos. Constatou-se que 20% dos colaboradores de AD sofrem TMM. O Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT) demonstrou que a maioria dos participantes tem ótima capacidade para o trabalho. Conclui-se que o assunto necessita de mais estudos, já que pesquisas semelhantes foram desenvolvidas apenas em ambiente hospitalar.

Introdução

O cuidado domiciliar tem como meta diminuir o número de rehospitalizações, prestar uma assistência humanizada para o cliente e para a família, estimulando a autonomia e a independência, além de diminuir custos e minimizar os riscos de infecções hospitalares. Contudo, devido ao grau de dependência inicial da família e do cliente, a resistência dos mesmos às mudanças de hábitos, e o envolvimento emocional mais prolongado, os profissionais que atuam na AD poderão ser mais suscetíveis às situações de esgotamento

profissional que podem levar ao desenvolvimento dos TMM: insônia, esquecimento, dificuldade de concentração, fadiga irritabilidade e queixas somáticas.

Segundo Murta e Tróccoli (2004) a doença ocupacional é a segunda causa de afastamento no Brasil. A CPT começa a ser mais recentemente abordada como demonstração de preocupação com estes índices, já que as condições do ambiente de trabalho e de saúde dos trabalhadores interferem diretamente no número de afastamentos ocupacionais. Para verificar a saúde dos trabalhadores foi desenvolvido um método de avaliação que contempla diversos aspectos de saúde: o ICT (Ornellas, 2004). O ICT é: “Quão bem está, ou estará, um(a) trabalhador(a) presentemente ou num futuro próximo, e quão capaz ele(a) podem executar seu trabalho, em função das exigências, de seu estado de saúde e de suas capacidades físicas e mentais.” (Tuomi et. al., 2005). Baseado nestes contextos, o presente estudo objetiva verificar a prevalência dos TMM em profissionais da saúde que atuam em AD e a relação com a CPT destes colaboradores.

Metodologia

A pesquisa teve um delineamento transversal, com abordagem descritiva e quantitativa. Foi desenvolvida em uma cooperativa de saúde localizada na cidade de Caxias do Sul e a amostra foi de 30 pessoas. O instrumento de coleta de dados foi um questionário semi-estruturado, composto de quatro dimensões: Aspectos demográficos e Socioeconômicos (A) com 15 questões, Aspectos ocupacionais e de Saúde (B) com 36 questões, Transtornos Mentais Menores (C) com 20 questões da escala *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20), e Capacidade para o Trabalho (D) para a qual foi utilizada a escala de ICT com 61 questões. Os dados foram lançados no banco de dados SPSS 12.0, e analisados por estatística descritiva.

Resultados e Discussão

A tabela abaixo mostra o perfil profissional dos 3º colaboradores:

	TE ¹	Enfermeira	Médicos	Fisioterapeuta	SA ²	AS ³	Total
fi	10	7	6	3	2	1	30
fri	33,3%	23,3%	20%	10%	6,8%	3,3%	100%

¹-Técnicos em Enfermagem; ²- Secretária Administrativa; ³-Assistente Social

Dos entrevistados, 23(76,7%) são do sexo feminino, fundado da AD por mulheres no século XV que faziam visitas de cunho filantrópico a doentes em seus domicílios (Fabricio et. al., 2004; Duarte; Diogo, 2006). A idade prevalente foi de 30 a 39 anos.

O ponto de corte para suspeição de TMM dos colaboradores da AD foram escores iguais ou acima de 7 questões respondidas como sim, que foi o equivalente a 20% da equipe entrevistada. A avaliação da melhor CPT mostrou correlação inversa e moderada quando

associada ao número de sinais e sintomas do SRQ-20; o número de filhos, o tempo de exercício profissional na AD e o ICT mostraram correlação inversa e grande quando associada ao número de sinais e sintomas do SRQ-20. A carga horária exercida em outra instituição foi moderadamente correlacionada com a o número de sinais e sintomas do SRQ-20. Araújo et. al. relacionam dupla jornada de trabalho com maiores índices de transtornos mentais comuns. Outras variáveis não estão correlacionadas com o SRQ-20.

Na avaliação do ICT, 16(53,3%) possuem um ótimo conceito sobre sua CPT, 12 pessoas (40%) consideram sua CPT boa, e 2 pessoas (6,7%) consideram moderada a sua CPT. Nenhum entrevistado considera baixa a sua CPT. Segundo Martins (2002); Duran e Cocco (2004), a promoção da saúde na atividade laboral é fundamental para a conservação da CPT. As demais variáveis não foram correlacionadas com o ICT.

Conclusão

A relevância do estudo se dá, pois existe uma lacuna no conhecimento da situação de saúde dos colaboradores que atuam em AD em relação à existência de TMM e a CPT. Nas buscas efetuadas em bancos de artigos científicos, foram encontrados artigos acerca deste tema em setores hospitalares, contudo há a falta de pesquisas em AD. Desta maneira, este estudo contribui para as discussões acerca da temática na comunidade científica, a partir dos resultados obtidos que podem subsidiar novas reflexões e novas propostas de estudos.

Referências

ARAÚJO, T.M.; et. al. Aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios psíquicos entre trabalhadoras de enfermagem. **Revista de Saúde Pública**. Vol. 37, Nº 4 (2003), pp. 424-433.

DUARTE, Y.A.O.; DIAGO, M.J.D. **Atendimento Domiciliar: um enfoque gerontológico**. São Paulo: Atheneu. 2006.

DURAN, E.C.M.; COCCO, M.I.M. Capacidade para o trabalho entre trabalhadores de enfermagem do pronto-socorro de um hospital universitário. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. Vol.12, Nº1(2010), pp. 43-49.

FABRÍCIO, S.C.C.; et. al. Assistência Domiciliar: a experiência de um hospital privado do interior paulista. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. Vol. 12, Nº 5 (2004), pp. 721-726.

MARTINS, M.M. **Qualidade de vida e capacidade para o trabalho dos profissionais em enfermagem no trabalho em turnos**. Florianópolis: UFSC, 2002. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

MURTA, S.G.; TRÓCCOLI, B.T. Avaliação de intervenção em estresse ocupacional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol.20, Nº1(2004), pp. 39-47.

ORNELLAS, T.C.F. **Capacidade para o trabalho entre trabalhadores de empresa metalúrgica de uma cidade no interior paulista**. São Paulo: UEC, 2004. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

TUOMI, K.; et. al. **Índice de Capacidade para o Trabalho**. São Carlos: Edufscar. 2005.